

A Lição
(*Eugene Ionesco*)

Personagens

O Professor, 50 a 60 anos

A jovem aluna, 18 anos

A criada, 45 a 50 anos

(No começo, o palco está vazio, permanecendo assim por um longo período de tempo. Depois, ouve-se a campainha e, em seguida...)

CRIADA *(nas coxias)* Sim, já estou indo. Só um momento! *(A campainha continua a soar. Após descer correndo as escadas, aparece em cena. Depois de ouvir-se o segundo toque da campainha, a criada abre a porta. Aparece a aluna.)* Bom dia, senhorita!

ALUNA - Bom dia! O professor está?

CRIADA - Vens para a lição?

ALUNA - Sim.

CRIADA - O professor a aguarda. Sente-se um instante enquanto irei chamá-lo.

ALUNA - Obrigada. *(Ela senta-se próxima à mesa, de frente para o público; à sua esquerda, a porta de entrada; ela está de costas para a outra porta, onde a criada chama o professor).*

CRIADA - Senhor, desça por favor. Sua aluna chegou.

PROFESSOR *(nas coxias)* Obrigado, desço em dois minutos!

(A criada sai. A aluna aguarda, olhando para os móveis e também para o teto; depois, tira de sua bolsa um caderno; folheia este e, após algum tempo, analisa demoradamente uma página, como se estivesse repetindo uma lição, como se desse uma última olhada em suas tarefas. Ela tem ares de jovem bem educada, culta, alegre, dinâmica, um sorriso jovial nos lábios. No decorrer do drama, ela diminuirá progressivamente o ritmo de seus movimentos, de seu andar. Muito agitada no início,

tornar-se-á cada vez mais cansada, sonolenta. Até o fim do drama, seu semblante deverá exprimir claramente uma depressão nervosa. Sua maneira de falar tornar-se-á pausada, com as palavras sendo dificilmente extraídas de sua memória e saindo dificilmente de sua boca. Ela terá o ar vagamente paralisado, como em um princípio de afasia; inicialmente cheia de vontade, chegando a parecer quase agressiva, ela far-se-á cada vez mais passiva, até que não seja mais que um objeto lânguido e inerte, parecendo inanimado, nas mãos do professor; tanto que quando chega-se á consumação do gesto final, a aluna não reagirá mais, insensibilizada, ela não terá mais reflexos; somente os olhos, em sua figura imóvel, irão exprimir um espanto e um pavor indizíveis. A passagem de um comportamento a outro deve se fazer de maneira quase imperceptível. O professor entra. É um velho com um barbicha branca, óculos, uma longa blusa preta de professor, calças e sapatos pretos, colarinho postiço branco, gravata preta. Excessivamente educado, muito tímido, voz enfraquecida pela timidez, muito correto, muito “professor”. Ele esfrega as mãos continuamente; de vez em quando, percebe-se uma luminosidade líbrica em seu olhar, que é rapidamente reprimido. No decorrer do drama, sua timidez desaparecerá progressivamente. O brilho lascivo de seus olhos acabará por transformar-se em uma chama devoradora, ininterrupta; de aparência inofensiva no início da ação, o professor tornar-se-á seguro de si, nervoso, agressivo, dominador, até que venha a fazer com que a aluna torne-se, em suas mãos, uma pobre coisa. Obviamente, a voz do professor, balbuciante a princípio, deverá tornar-se cada vez mais forte, até que, por fim, seja extremamente poderosa, estrepitosa, um clarão sonoro, enquanto a voz da aluna virá a ser quase inaudível, ao contrário da clareza e força que tinha no começo do drama. Talvez, nas primeiras cenas, o professor gaguejará, muito ligeiramente).

PROFESSOR - Bom dia, senhorita... É você a nova aluna?

ALUNA *(volta-se com vivacidade, semblante airoso, adolescente com o mundo a seus pés; ela se levanta, dirige-se até o professor, estendendo-lhe a mão)* - Sim professor, bom dia. Como podes ver, cheguei no horário. Não quis atrasar-me.

PROFESSOR - Está bem, senhorita, obrigado. Mas não era necessário apressar-se. Não sei como me desculpar por havê-la feito esperar... Estava justamente acabando de... Desculpe-me... Você há de desculpar-me.

ALUNA - Não é necessário desculpar-se! Não há problema algum, senhor.

PROFESSOR - As minhas desculpas... Tiveste dificuldades para encontrar minha casa?

ALUNA - Nenhuma, nenhuma mesmo... Além do mais, eu pedi informações. Todo mundo o conhece por aqui.

PROFESSOR - Faz trinta anos que moro nesta cidade. E você, mora aqui há muito tempo? O que acha da cidade?

ALUNA - Ela não me aborrece nem um pouquinho! É uma linda cidade, muito agradável, com um belo parque, um pensionato, um bispo, belas lojas, ruas, avenidas...

PROFESSOR - É verdade. No entanto, eu gostaria de viver em outro lugar. Em Paris, ou pelo menos em Bordeaux.

ALUNA - O senhor gosta de Bordeaux?

PROFESSOR - Não sei, eu não conheço.

ALUNA - Então o senhor conhece Paris?

PROFESSOR - Também não, senhorita, mas se me permite, poderias me dizer, Paris é a capital da...

ALUNA (*Hesita por um instante. Depois, orgulhosa por saber*) - Paris é a capital da... Da França?

PROFESSOR - Isso mesmo, bravo, muito bem, perfeito. Minhas congratulações! A senhorita conhece a geografia nacional como a palma da mão! As capitais...

ALUNA - Ora, eu não conheço todas ainda, senhor, não é tão fácil assim, tenho dificuldades em aprender.

PROFESSOR - Com o tempo isso se resolve... Coragem, senhorita... Desculpe-me... Paciência... A senhorita verá... Conseguirá aprender... Faz um belo dia hoje, não? Talvez, nem tanto...o principal é que não faz mal tempo... Não chove e nem tão pouco neva.

ALUNA - Isso seria de se espantar, porque estamos no Verão!

PROFESSOR - Perdão, senhorita, eu ia lhe dizer justamente isso... Mas a senhorita sabe que podemos esperar de tudo.

ALUNA - É claro, professor.

PROFESSOR - Nós não podemos estar seguros de nada neste mundo, senhorita.

ALUNA - A neve cai no inverno. O inverno é uma das quatro estações. As outras três são... É... A pri...

PROFESSOR - Sim?

ALUNA - ... Mavera, e depois o verão, e... Anh...

PROFESSOR - esta começa como as palavras outorgar, otorrinolaringologista...

ALUNA - Ah, sim, o outono.

PROFESSOR - Isso mesmo, senhorita, muito bem respondido, perfeito! Eu estou convencido de que você será uma excelente aluna, de que fará muitos progressos, pois a senhorita é inteligente, parece ser muito instruída, ter boa memória.

ALUNA - Eu conheço as estações, não é professor?

PROFESSOR - Sim... Ou quase... Mas aprenderá! De qualquer maneira, a senhorita vai indo muito bem. Chegará a conhecer todas as estações de olhos fechados, como eu!

ALUNA - Mas é tão difícil, professor!

PROFESSOR - Oh, não. Basta esforçar-se, ter um pouco de boa vontade. A senhorita irá aprender, estou certo disso.

ALUNA - Ah, eu queria tanto, professor. Tenho tanta sede de conhecimento. Meus pais também desejam que eu aprofunde meus conhecimentos. Eles querem que eu me especialize. Eles pensam que uma simples cultura geral, mesmo que sólida, não é suficiente em nossa época.

PROFESSOR - Seus pais têm absoluta razão. Se permites que eu lhe diga, isso é uma coisa extremamente necessária. A senhorita deve prosseguir com seus estudos. A vida contemporânea tornou-se muito complexa.

ALUNA - E tão complicada! Meus pais são muito ricos, tenho muita sorte. Isso me possibilita fazer estudos muitos superiores.

PROFESSOR - E a senhorita pretende apresentar-se para as provas...

ALUNA - O mais breve possível, no primeiro concurso de Doutorado. É em três semanas.

PROFESSOR - Já possui o bacharelado, se posso lhe perguntar?

ALUNA - Sim, professor. Bacharelei-me em Ciências e em Letras.

PROFESSOR - Mas você é muito adiantada, é mesmo muito adiantada para a sua idade! E qual Doutorado você pretende fazer? Ciências Materiais ou Filosofia Normal?

ALUNA - Meus pais querem, se o senhor acredita que seja possível em tão pouco tempo, eles querem que eu faça o Doutorado Total.

PROFESSOR - O Doutorado Total? A senhorita tem muita coragem, eu a parabeno sinceramente. Nos esforçaremos, senhorita, faremos o nosso melhor. Além disso, és muito culta, apesar de tão jovem!

ALUNA - Ora, professor!

PROFESSOR - Então, ao trabalho! Não temos tempo a perder.

ALUNA - Certamente, professor! É o que eu quero, o que eu lhe peço.

PROFESSOR - Então, se a senhorita não vir nisso nenhum inconveniente, poderia sentar-me ao seu lado.

ALUNA - Mas claro, professor. Eu lhe peço!

PROFESSOR - Grato, senhorita. *(Ele se senta em frente à aluna)* Vejamos. A senhorita trouxe seus livros, cadernos?

ALUNA - Sim, trouxe tudo o que é necessário.

PROFESSOR - Perfeito, senhorita. Então, podemos começar?

ALUNA - Sim, professor, eu estou à sua disposição!

PROFESSOR - À minha disposição? *(Brilho em seus olhos, que rapidamente se extingue)* Oh, senhorita, eu que estou a sua disposição, não sou mais que seu criado.

ALUNA - Oh, professor...

PROFESSOR - Se a senhorita deseja... Então... Nós... Nós... Eu... Começarei fazendo um exame sumário de seus conhecimentos passados e presentes, para que possamos preparar o caminho para o futuro... Bem, como está a sua percepção da pluralidade?

ALUNA - Ela é muito vaga... Confusa.

PROFESSOR - Bem, nós veremos isso.

(Ele esfrega as mãos. A criada entra, o que irá irritá-lo; ela se dirige até o guarda-louça e procura algo, demorando-se).

PROFESSOR - Vejamos, senhorita. Tentemos um pouco de aritmética, se isso lhe agrada...

ALUNA - Sim, professor. É o que eu desejo.

PROFESSOR - É uma ciência muito nova, uma ciência moderna; na verdade, trata-se mais de um método do que de uma ciência... É também uma terapia. *(À criada)* Maria, já terminou?

CRIADA - Sim senhor. Já encontrei o prato, estou saindo...

PROFESSOR - Pois se apresse. Vá para a sua cozinha, por favor!

CRIADA - Estou indo. *(Falsa saída da criada).*

CRIADA - Perdoai-me, senhor, preste atenção, eu recomendo que tenha calma.

PROFESSOR - Você é ridícula, Maria. Não se preocupe!

CRIADA - É o que sempre diz.

PROFESSOR - Não admito suas insinuações. Sei perfeitamente como agir, já tenho idade suficiente para saber isso.

CRIADA - Justamente, senhor. O professor faria melhor se não começasse pela Aritmética com sua aluna. A Aritmética cansa, enerva.

PROFESSOR - Não na minha idade! E depois, porque você se envolve nisso? Este é o meu ofício. Eu o conheço. Seu lugar não é aqui.

CRIADA - Está bem, senhor, mas depois não diga que não o adverti.

PROFESSOR - Maria. Eu não lhe pedi conselhos.

CRIADA - Como quiser, senhor. *(Ela sai)*

PROFESSOR - Perdão, senhorita, por esta estúpida interrupção. Perdoai esta senhora, ela sempre tem medo que eu me canse. Ela teme pela minha saúde.

ALUNA - Ora, tudo bem, professor. Isso prova que ela lhe é muito devotada. Ela gosta muito do senhor. São raras as boas criadas.

PROFESSOR - Ela exagera. Seu temor é estúpido. Retornemos às nossas preocupações aritméticas.

ALUNA - Eu o acompanho, professor.

PROFESSOR - *(espirituoso)* Permanecendo sentada!

ALUNA - *(apreciando a frase de espírito)* Como o senhor!

PROFESSOR - Bem, então aritmetizemos um pouco.

ALUNA - À vontade, professor.

PROFESSOR - Quanto é um mais um?

ALUNA - Um mais um é dois.

PROFESSOR *(maravilhado pela sabedoria de sua aluna)*- Oh, muito bem, senhorita. Você me parece muito adiantada em seus estudos. Obterá facilmente o Doutorado Total.

ALUNA - Fico muito feliz, ainda mais sendo o senhor quem o diz.

PROFESSOR - Podemos ir um pouco mais longe- dois mais um?

ALUNA - Três.

PROFESSOR - Três mais um?

ALUNA - Quatro.

PROFESSOR - Quatro e um?

ALUNA - Cinco.

PROFESSOR - Cinco mais um?

ALUNA - Seis.

PROFESSOR - Seis mais um?

ALUNA - Sete.

PROFESSOR - Sete mais um?

ALUNA - Oito.

PROFESSOR - Sete mais um?

ALUNA - Oito... “bis”

PROFESSOR - Excelente resposta. Sete mais um?

ALUNA - Oito “ter”.

PROFESSOR - Perfeito. Sete mais um?

ALUNA - Oito “quater”. E talvez nove.

PROFESSOR - Magnífico. A senhorita é magnífica, excelente. Eu a felicito calorosamente, senhorita. Não é necessário continuar. Na adição, você é magistral. Vejamos a subtração. Diga-me apenas, se não estás indisposta, quanto são quatro menos três?

ALUNA - Quatro menos três? Quatro menos três?

PROFESSOR - Isso. Ou seja, retire três de quatro.

ALUNA - Isso dá... Sete.

PROFESSOR - Desculpe-me ter de contradizê-la... Quatro menos três não são sete. A senhorita se confundiu - quatro mais três dão sete, quatro menos três não. Não se trata de adicionar, é necessário subtrair agora.

ALUNA (*esforçando-se para compreender*) - Sim... Sim...

PROFESSOR - Quatro menos três... Quanto é? Quanto?

ALUNA - Quatro?

PROFESSOR - Não, senhorita.

ALUNA - Três, então.

PROFESSOR - Não... Desculpe-me, mas não é isso... Perdão.

ALUNA - Quatro menos três... Quatro menos três... Quatro menos três? Não pode ser dez?

PROFESSOR - Claro que não. Não se trata de adivinhar, é preciso raciocinar. Vamos tentar deduzir juntos. A senhorita sabe contar.

ALUNA - Sim, professor. Um, dois, é...

PROFESSOR - A senhorita sabe contar? Até quanto sabe contar?

ALUNA - Eu posso contar... Até o infinito.

PROFESSOR - Isso não é possível, senhorita!

ALUNA - Então, digamos, até dezesseis.

PROFESSOR - Isso basta. É preciso saber se limitar. Então, conte por favor, eu lhe peço.

ALUNA - Um, dois... E depois do dois, três e quatro...

PROFESSOR - Um momento. Qual número é maior, três ou quatro?

ALUNA - É... Três ou quatro? Qual é o maior? O maior entre três ou quatro? Maior em que sentido?

PROFESSOR - Há os números menores e os números maiores. Nos maiores, há mais unidades do que nos menores...

ALUNA - Que nos menores números?

PROFESSOR - A menos que os menores tenham unidades maiores. Se elas são todas menores, pode-se dizer que há mais unidades nos números menores do que nos maiores... De trata-se de outras unidades...

ALUNA - Nesse caso, os números menores podem ser maiores que os números maiores?

PROFESSOR - Deixemos isso. Isso nos levaria muito longe- saiba somente que não há apenas números... Há também grandezas, somas, grupos, pilhas, pilhas de coisas como ameixas, vagões, gansos, pepinos, etc. Suponhamos, simplesmente, para facilitar nosso trabalho, que não temos apenas números iguais, os maiores serão aqueles que tiverem mais unidades iguais.

ALUNA - Aquele que tiver mais unidades será o maior? Ah, eu entendo, professor, o senhor identifica a qualidade à quantidade.

PROFESSOR - Isto é muito teórico, senhorita, muito teórico. Não tens que se preocupar com isso. Retornemos ao nosso exemplo e raciocinemos sobre esse caso preciso. Deixemos para mais tarde as conclusões gerais. Temos o número quatro e o número três, contendo cada um deles um número idêntico de unidades qual número será o maior? O número menor ou o número maior?

ALUNA - Perdão, professor, mas o que entende o senhor por número maior? É o número “mais pequeno” que o outro?

PROFESSOR - Isso, senhorita, perfeito. Você compreendeu-me muito bem!

ALUNA - Então, é o quatro.

PROFESSOR - O que é o quatro? Maior ou menor do que três?

ALUNA - Menor... Não, é maior.

PROFESSOR - Excelente resposta! Quantas unidades há entre três e o quatro? Ou entre o quatro e o três, se a senhorita assim o preferir.

ALUNA - Não há unidade nenhuma, professor. O quatro vem logo depois do três, e não há nada entre o três e o quatro.

PROFESSOR - Eu não soube fazer-me compreender. Sem dúvida, é minha culpa. Não fui suficientemente claro.

ALUNA - Não, a culpa é minha!

PROFESSOR - Vejamos- eis aqui três palitos de fósforo. Aqui, temos mais um, o que soma quatro. Veja bem, você tem quatro, se eu retiro um, quantos palitos restam?

(Não se vê mais os fósforos, nem qualquer dos outros objetos. Aliás, não é esta a questão; o professor levanta-se, escreve sobre um quadro inexistente com um giz também inexistente).

ALUNA - Cinco! Se três e um dão quatro, quatro e um dão cinco.

PROFESSOR - Nada disso! Você tem sempre a mania de adicionar. Mas é necessário também subtrair. Não basta unicamente integrar. É preciso também desintegrar. Isso é a vida. Isso é a Filosofia. É isso a ciência, o progresso, a civilização.

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Voltemos aos nossos fósforos. Temos então quatro. Veja bem, são quatro. Retiro um, então não resta mais que...

ALUNA - Eu não sei, professor.

PROFESSOR - Vejamos, reflita um pouco. Não é fácil, eu admito. Contudo, a senhorita é culta o bastante para realizar um esforço intelectual e chegar a compreender. Então?

ALUNA - Não consigo, eu não sei!

PROFESSOR - Tomemos exemplos mais simples- se a senhorita tivesse dois narizes, e eu lhe arrancasse um, quantos lhe restariam?

ALUNA - Nenhum.

PROFESSOR - Como nenhum?

ALUNA - Sim, é justamente porque o senhor não me arrancou nenhum, que eu tenho um agora. Se o senhor o houvesse arrancado, eu não teria nenhum!

PROFESSOR - A senhorita não compreendeu meu exemplo. Suponhamos que você tenha apenas uma orelha.

ALUNA - Sim, e depois?

PROFESSOR - então eu lhe acrescento uma, com quantas fica?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Bom, eu acrescento mais uma, com quantas fica?

ALUNA - Três orelhas.

PROFESSOR - Eu retiro uma, restam-lhe quantas orelhas?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Bom, e se eu retiro mais uma, quantas lhe restam?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Não, você não tem duas, eu retirei uma, eu comi uma, quantas restam?

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Eu comi uma... Uma.

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Uma.

ALUNA - Duas.

PROFESSOR - Uma!

ALUNA - Duas!

PROFESSOR - Uma!

ALUNA - Duas!

PROFESSOR - Uma!

ALUNA - Duas!

PROFESSOR - Uma!

ALUNA - Duas!

PROFESSOR - Não. Não. Não é isso. O exemplo não é... Não é convincente. Escute-me!

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Você tem... Tem... Tem...

ALUNA - Dez dedos!

PROFESSOR - Se você deseja. Perfeito. Bem, você então tem dez dedos.

ALUNA - Sim.

PROFESSOR - Quantos teria se tivesse apenas cinco?

ALUNA - Dez, professor.

PROFESSOR - Nada disso!

ALUNA - Sim, professor!

PROFESSOR - Já lhe disse que não!

ALUNA - O senhor acabou de me dizer que eu tenho dez...

PROFESSOR - Eu lhe disse também, logo em seguida, que você tem cinco!

ALUNA - Eu não tenho cinco, eu tenho dez!

PROFESSOR - Procedamos diferentemente... Limitemo-nos aos números de um a cinco, para a subtração. Aguarda senhorita, você verá. Eu lhe farei compreender. *(O professor começa escrever em um quadro-negro imaginário. Ele se aproxima da aluna, que se volta para olhar)* Veja senhorita. *(Ele faz que desenha um traço, e sob esse traço o número 1; depois, faz que desenha dois traços, e sob esses traços o número 2, e assim sucessivamente, até desenhá-los imaginariamente 5 traços)* Você verá...

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Estes são traços, senhorita, os traços... Aqui, um traço, ali dois traços, três traços, quatro traços, cinco traços. Um traço, dois traços, três traços, quatro e cinco traços, estes são os números. Quando contamos os traços, cada traço é uma unidade, senhorita. O que foi que eu disse?

ALUNA - Uma unidade, senhorita. O que foi que eu disse?

PROFESSOR - Ou cifras! Ou números! Um, dois, três, quatro, cinco, esses são elementos de numeração, senhorita.

ALUNA - Sim, professor. Os elementos, as cifras, que são os traços, as unidades e os números...

PROFESSOR - Às vezes... Quer dizer, definitivamente, toda a aritmética consiste nisso.

ALUNA - Sim, professor. Bem, professor, obrigada.

PROFESSOR - Então, conte, por favor, servindo-se desses elementos... Adicione e subtraia...

ALUNA - *(como se tentasse gravar em sua memória)* Os traços são cifras e os números, as unidades?

PROFESSOR - Hum... Se assim o podemos dizer. E então?

ALUNA - Podemos subtrair duas unidades de três, mas podemos subtrair dois dois de três três? E duas cifras de quatro números? E três números de uma unidade?

PROFESSOR - Não, senhorita.

ALUNA - Por que, professor?

PROFESSOR - Porque não, senhorita.

ALUNA - Por que não o quê, professor? Visto que uns são como os outros?

PROFESSOR - É assim, senhorita. Isso não se explica. Isso se compreende através de um raciocínio matemático interior, e isso ou se tem ou não se tem.

ALUNA - Tanto pior!

PROFESSOR - Ouça-me, senhorita, se você não chegar a compreender profundamente esses princípios, esses arquétipos aritméticos, você jamais poderá fazer corretamente um trabalho politécnico. E muito menos poderão encarregá-la de um curso na Escola Politécnica... Nem no maternal superior. Eu reconheço que não é fácil, é muito, muito abstrato... Evidentemente... Mas como a senhorita poderá chegar, antes de ter aprofundado os primeiros elementos, a calcular mentalmente quanto dá, e isso é o

mínimo para um engenheiro médio, quanto dá, por exemplo, três bilhões, setecentos e cinquenta e cinco milhões, novecentos e noventa e oito mil, duzentos e cinquenta e um multiplicados por cinco bilhões, cento e sessenta e dois milhões, trezentos e três mil, quinhentos e oito?

ALUNA (*Muito depressa*) Dá dezenove quintilhões, trezentos e noventa quatrilhões, dois trilhões, cento e quarenta e quatro bilhões, duzentos e dezenove milhões cento e sessenta e quatro mil, quinhentos e nove.

PROFESSOR (*espantado*) - Não. Creio que não. Dá dezenove quintilhões, trezentos e noventa quatrilhões, dois trilhões, cento e quarenta e quatro bilhões, duzentos e dezenove milhões cento e sessenta e quatro mil, quinhentos e oito.

ALUNA - Não, quinhentos e oito!

PROFESSOR (*ainda mais espantado, calcula mentalmente*) Sim, você tem razão. O produto É... (*murmurando*) quintilhões, quatrilhões, trilhões, bilhões, milhões (*distintamente*) cento e sessenta e quatro mil quinhentos e oito. (*estupefato*) Mas como você acertou, se não sabe os princípios do raciocínio aritmético?

ALUNA - É simples. Não podendo confiar em meu raciocínio, eu decorei todos os resultados possíveis de todas as multiplicações possíveis!

PROFESSOR - Isso é muito bom... Contudo, permita-me adverti-la que isso não me satisfaz, senhorita, e não a felicitarei. Em Matemática, e especialmente na Aritmética, o que conta, pois em aritmética é preciso sempre contar, o que conta é sobretudo compreender. É por meio de um raciocínio matemático, indutivo e dedutivo ao mesmo tempo, que você deveria ter chegado a esse resultado, assim como a outros resultados. As matemáticas são inimigas ferrenhas da memória, excelente para outras coisas, mas nefasta aritmeticamente falando! Isso não está nada bom, absolutamente...

ALUNA (*desolada*) - Não, professor.

PROFESSOR - Deixemos isso por um momento. Passemos a um outro gênero de exercícios...

ALUNA - Sim, professor.

CRIADA (*entrando*) - Hum, hum, senhor...

PROFESSOR (*que não a escuta*) - É uma pena, senhorita, que você seja tão pouco avançada nas matemáticas especiais.

CRIADA (*puxando-lhe pela manga do casaco*) - Senhor, senhor!

PROFESSOR - Acredito que não poderás apresentar-se ao concurso de Doutorado Total...

ALUNA - Sim, professor, é uma pena...

PROFESSOR - A menos que você... (*à criada*) mas deixe-me, Maria... Por que é que você tem que se intrometer? Para a cozinha! Vá cuidar de suas louças! Vá, vá!... (*à aluna*) Nos esforçaremos para prepará-la ao menos para o Doutorado Parcial...

ALUNA - Sim, professor.

(*A criada o segura novamente pela manga do casaco*)

PROFESSOR - Deixe-me em paz! Deixe-me! O que é que você quer? (*à aluna*) Devo ensinar-lhe, se a senhorita pretende realmente apresentar-se para o Doutorado Parcial...

ALUNA - Sim.

PROFESSOR - ... Os elementos da Lingüística e da Filologia comparada...

CRIADA - Não, senhor, não. Não é necessário!

PROFESSOR - Maria, você exagera!

CRIADA - Sobretudo nada de Filologia. A Filologia leva ao pior!

ALUNA (*espantada*) - Ao pior? (*sorrindo, um pouco aparvalhada*) Eis uma história!

PROFESSOR (*à criada*) Isso é demais. Saia!

CRIADA - Está bem, senhor, mas não diga que não o adverti! A Filologia leva ao pior!

PROFESSOR - Maria, eu já sou bem grandinho!

CRIADA - Como queira! (*sai*)

PROFESSOR - Continuemos, senhorita.

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Peço-lhe então que escute com grande atenção o meu curso, graças ao qual, em quinze minutos, você poderá adquirir os princípios fundamentais da Filologia lingüística e comparada das línguas neo-espanholas.

ALUNA - Sim, professor, oh! (*ela bate palmas*)

PROFESSOR (*com autoridade*) Silêncio! O que significa isso?

ALUNA - Perdão, professor. (*lentamente, ela coloca suas mãos sobre a mesa*)

PROFESSOR - Silêncio! (*O professor passeia pelo aposento, com as mãos nas costas*) Então, senhorita, o espanhol é a língua mãe de onde são originadas todas as línguas neo-espanholas, como o espanhol, o latim, o italiano, nosso francês, o português, o romeno, o sardo ou sardanápalo e o neo-espanhol, assim como, por alguns de seus aspectos, o turco, sendo este mais próximo do grego, o que é lógico, pois a Turquia é vizinha da

Grécia e a Grécia está mais próxima da Turquia do que eu da senhorita- isso nada mais é que uma ilustração de uma lei lingüística muito importante segundo a qual a Geografia e a Filologia são irmãs gêmeas. Pode tomar nota, senhorita.

ALUNA (*com uma voz apagada*) - Sim, professor!

PROFESSOR - O que distingue as línguas neo-espanholas entre si e os seus idiomas dos outros grupos lingüísticos, tais como o grupo das línguas austríacas e neo-austríacas ou habsbúrgicas, assim como os grupos esperantista, helvético, suíço, andorrano, basco, pelota, assim como os grupos das línguas diplomática e técnica, o que as distingue, como eu dizia, é a sua surpreendente semelhança, o que faz que tenhamos dificuldades para distinguir umas das outras. Eu falo das línguas neo-espanholas entre si, que só chegamos a distingui-las graças aos seus caracteres distintos, provas absolutamente indiscutíveis de sua extraordinária semelhança, o que torna indiscutível sua origem comum e que, ao mesmo tempo, as diferencia profundamente pela manutenção dos tratos distintos de que venho falando.

ALUNA - Oooh! Siiim, professor!

PROFESSOR - Mas não nos demorem nessas generalidades.

ALUNA (*lamentando-se*) Oh, professor!

PROFESSOR - Parece que isso lhe interessa. Melhor assim!

ALUNA - Oh, sim, professor!

PROFESSOR - Não se inquiete, senhorita. Retornaremos a isso mais tarde... A menos que não retornemos, quem sabe?

ALUNA (*encantada, apesar de tudo*) Oh, sim, professor!

PROFESSOR - Toda língua, senhorita, lembre-se disso até a hora de sua morte...

ALUNA - Sim, professor, até a hora de minha morte... Sim, sim...

PROFESSOR - ... Isto é um princípio fundamental, toda língua não é mais do que uma linguagem, o que implica necessariamente que ela se componha de sons ou...

ALUNA - Fonemas.

PROFESSOR - É o que eu iria lhe dizer- não ostente desta forma os seus conhecimentos. Acima de tudo, escute.

ALUNA - Está bem, professor.

PROFESSOR - Os sons, senhorita, devem ser agarrados pelas asas, em pleno vôo, para que não venham a cair nos ouvidos dos surdos. Conseqüentemente, quando você decidir-se articular, é recomendado, na medida do possível, levantar bem alto o pescoço e o queixo, levantar-se na ponta dos pés, assim, veja!

ALUNA - Sim, professor.

PROFESSOR - Cale-se. Permaneça sentada e não interrompa! E emita os sons bem alto e com toda a força de seus pulmões associados à força de suas cordas vocais. Assim, veja: “borboleta”, “euréka”, “trafalgar”, “papi, papa”. Dessa maneira, os sons enchem-se de ar quente, mais leve que o ar circundante, e dão voltas e voltas, sem risco de cair nos ouvidos dos surdos, que são os túmulos da sonoridade. Se você emitir vários sons em velocidade acelerada, eles entrelaçam-se automaticamente uns nos outros, formando sílabas, as palavras, as frases, os grupos mais ou menos importantes, os conjuntos irracionais de sons, destituídos de todo sentido, mas justamente por isso capazes de manter-se a uma altitude elevada nos céus. Somente caem as palavras carregadas de significação, repletas de sentido, que acabam sempre sucumbindo, desabando...

ALUNA - ... Nos ouvidos dos surdos!

PROFESSOR - Isso, mas não me interrompa! E na pior confusão... Ou estourar como os balões. Então, senhorita... *(a aluna, repentinamente, apresenta um ar de sofrimento)* O que você tem?

ALUNA - Dor de dentes, professor!

PROFESSOR - Isso não tem importância! Não podemos parar por tão pouca coisa. Continuemos.

ALUNA *(transparecendo um sofrimento crescente)* Sim, professor!

PROFESSOR - Solicito sua atenção às consoantes, que mudam de natureza quando unidas. Os f tornam-se v, os “d” “t”, os “g” “k” e vice-versa, como nos exemplo que eu lhe apresento: “Três horas, as crianças, frango ao vinho, nova era, eis a noite”.

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - Prossigamos!

ALUNA - Sim.

PROFESSOR - Vamos resumir- para aprender a pronunciar são necessários anos e anos. No entanto, graças à ciência, podemos chegar lá em apenas alguns minutos. Para fazermos soar as palavras, os sons e tudo o que você quiser, saiba que é preciso liberar impiedosamente o ar dos pulmões. Em seguida, fazê-lo passar delicadamente sobre as cordas vocais que, repentinamente, como harpas ou folhagens sob o vento, fremem, vibram, vibram, vibram ou ciciam, ou chiam, ou se esfregam ou assobiam, assobiam, pondo tudo em movimento- úvula, língua, o céu da boca, os dentes...

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - ... Os lábios. Finalmente as palavras saem pelo nariz, boca, orelhas, poros, adentrando através deles por todos os órgãos que já citei, liberta, num vôo

poderoso, majestoso, que não é outra coisa senão o que chamamos, impropriamente, de voz, modulando-se em canto ou transformando-se em uma terrível tempestade sinfônica com todo um cortejo... De buquês de flores das mais variadas, de artifícios sonoros, que são: labiais, dentais, oclusivas, palatais e outras, logo amargas ou violentas.

ALUNA - Sim, senhor professor. Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - Continuemos, continuemos! Quanto às línguas neo-espanholas, elas são parentes tão próximas entre si que podemos considerá-las como primas irmãs. Elas têm, aliás, a mesma mãe- a espanhola, com “e” mudo. É por isso que é tão difícil distinguir umas das outras, e é também por esse motivo que é tão útil pronunciar corretamente, evitando-se os erros de pronúncia. A pronúncia vale por toda uma linguagem. Uma pronúncia incorreta pode causar-lhe vários problemas. A esse propósito, permita-me, entre parênteses, relatar-lhe um caso pessoal. (*ligeiramente, o professor se lança em suas recordações; sua fisionomia demonstra enternecimento, mas rapidamente recupera seu ar natural*) Eu era muito jovem, praticamente um menino. Estava prestando o serviço militar. Havia no regimento um camarada, um visconde, que tinha um defeito de pronúncia muito grave- ele não conseguia pronunciar o “f”. Ao invés de “f”, ele dizia “f”. Assim, em vez de “fonte, de tua água não beberei” ele dizia “fonte, de tua água não beberei”. Pronunciava “filha” em vez de “filha”, “Firmino” ao invés de “Firmino”, “deixe-me ficar em paz” no lugar de “deixe-me ficar em paz”, “fifi, fon, fafá” ao invés de “fifi, fon, fafá”, “Felipe” em vez de “Felipe”, “fevereiro” no lugar de “fevereiro”, “março-abril” em vez de “março-abril”, “Gerard de Nerval” e não, como é o correto, “Gerard de Nerval”, “Mirabeau” no lugar de “Mirabeau”, e assim por diante, em vez de assim por diante. Porém, graças ao uso de seu chapéu, este camarada podia esconder tão bem esse defeito, que dele não nos apercebíamos.

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR (*mudando bruscamente de tom, adquirindo uma voz enérgica*) - Prossigamos! Precisamos inicialmente captar as semelhanças para melhor compreendermos as diferenças existentes entre essas línguas. As diferenças não são facilmente assimiladas por pessoas não prevenidas. Deste modo, todas as palavras de todas essas línguas...

ALUNA - Ah, sim, eu tenho dor de dentes!

PROFESSOR - ... São sempre as mesmas, bem como todas as desinências, os prefixos, sufixos, as raízes...

ALUNA - As raízes das palavras são quadradas?

PROFESSOR - Quadradas ou cúbicas, dá na mesma!

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - Continuemos. Assim, para dar-lhe um exemplo, que não passa de uma ilustração, pegue a palavra “fronte”.

ALUNA - Pegar com o quê?

PROFESSOR - Com o que quiser, desde que pegue, e, sobretudo não me interrompa!

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - Prossigamos! Eu disse prossigamos. Pegue a palavra frente. Pegou?

ALUNA - Sim, professor! Meus dentes, meus dentes!

PROFESSOR - A palavra “frente” é raiz de “frontispício” e também de “defronte”. “Ispício” é sufixo e “de” é prefixo. Chamam-se assim porque não mudam, elas não querem.

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - Continuemos, depressa! Os prefixos são de origem espanhola, espero que tenha percebido!

ALUNA - Meus dentes!

PROFESSOR - Você deve igualmente ter notado que elas não mudam no francês. E, senhorita, nada poderia fazê-las mudar, nem em latim, nem em italiano, português, sardanápalo, romeno, nem no espanhol ou no neo-espanhol, nem mesmo em oriental-frente, frontispício, defronte, sempre as mesmas palavras, invariavelmente com a mesma raiz, mesmo sufixo, mesmo prefixo, em todas as línguas citadas. E isso acontece igualmente com todas as palavras.

ALUNA - Em todas as línguas as palavras querem dizer a mesma coisa! Ai, meu dentes!

PROFESSOR - Exatamente. Como poderia ser diferente? De qualquer maneira, temos sempre o mesmo significado, a mesma composição, a mesma estrutura sonora, não apenas para esta palavra, mas para todas as palavras concebíveis, em todas as línguas. Pois um mesmo conceito se exprime por uma mesma palavra e seus sinônimos, em todos os países. Deixe esses dentes!

ALUNA - Tenho dor de dentes! Sim, sim e sim!

PROFESSOR - Vamos continuar. Em francês, como a senhorita diria, por exemplo, “as rosas de minha avó são tão amarelas quanto meu avô que é asiático”?

ALUNA - Tenho dor de dentes! Dói, dói!

PROFESSOR - Vamos, diga assim mesmo!

ALUNA - Em francês?

PROFESSOR - Isso mesmo!

ALUNA - É, quer que eu diga em francês “as rosas de minha avó são...”?

PROFESSOR - ... Tão amarelas quanto meu avô que era asiático.

ALUNA - Bem, eu creio que diria- as rosas... De minha... Como se diz avó em francês?

PROFESSOR - Em francês dizemos “avó”

ALUNA - As rosas de minha avó são tão... “amarelas”, em francês, diz-se amarelas?

PROFESSOR - Sim, evidentemente.

ALUNA - São tão amarelas como meu avô quando estava com raiva.

PROFESSOR - Não. Que era a...

ALUNA - ... Asiático. Tenho dor de dentes.

PROFESSOR - É isso!

ALUNA - Tenho dor de...

PROFESSOR - Dentes... Azar o seu, continuemos. Agora, traduza a mesma frase para o espanhol e em seguida para o neo-espanhol.

ALUNA - Em espanhol... Seria - “as rosas de minha avó são tão amarelas quanto meu avô que é asiático”.

PROFESSOR - Não, está errado!

ALUNA - E em neo-espanhol “as rosas de minha avó são tão amarelas quanto meu avô que é asiático”.

PROFESSOR - Está errado, está errado, está errado! A senhorita fez o inverso, você trocou o espanhol pelo neo-espanhol e vice-versa. É o contrário.

ALUNA - Tenho dor de dentes, o senhor atrapalha-me!

PROFESSOR - É você quem me atrapalha! Preste atenção e tome nota - eu vos direi a frase em espanhol, depois em neo-espanhol e finalmente em latim. Depois, a senhorita irá repetir. Atenção, pois as semelhanças são grandes. E são semelhanças idênticas. Acompanhe-me.

ALUNA - Tenho dor...

PROFESSOR - De dentes!

ALUNA - Continuemos! Ah...

PROFESSOR - Em espanhol - as rosas de minha avó são tão amarelas quanto meu avô que é asiático; em latim- as rosas de minha avó são tão amarelas quanto meu avô que é asiático. Notaste a diferença? Traduza isso em... Romeno.

ALUNA - As... Como se diz “rosas” em romeno?

PROFESSOR - Ora, diz-se “rosas”.

ALUNA - Não se diz “rosas”? Ah, meus dentes!

PROFESSOR - Não, porque “rosas” é a tradução em oriental da palavra “rosas”, em espanhol “rosas”, entendeu? Em sardanápalo “rosas”...

ALUNA - Perdoe-me professor, é que estou com dor de dentes, eu não percebi a diferença!

PROFESSOR - Contudo é muito simples, muito simples. Podemos possuir uma certa experiência, uma experiência técnica e prática dessas diversas línguas, tão diversas que não apresentam mais que alguns caracteres completamente idênticos. Vou lhe contar um segredo.

ALUNA - Dor de dentes...

PROFESSOR - O que diferencia essas línguas não são as palavras, que são absolutamente as mesmas; nem a estrutura das frases, que são em toda parte semelhantes; nem a entonação, que não apresenta diferenças; nem o ritmo da linguagem... O que as diferencia... Você está me escutando?

ALUNA - Tenho dor de dentes.

PROFESSOR - Você está me escutando, senhorita? Ah! Nós iremos nos irritar!

ALUNA - Você me aborrece, professor! Tenho dor de dentes.

PROFESSOR - Escute-me! O que as diferencia entre si, e também do espanhol com “e” mudo, sua mãe, é...

ALUNA (*simulando interesse*) É o quê?

PROFESSOR - É uma coisa inefável, tão inefável que não chegamos a perceber senão ao fim de uma longa jornada, com muita labuta e depois de muito tempo de experiência.

ALUNA - Ah!

PROFESSOR - Sim, senhorita. Eu não posso dar-lhe nenhuma regra, é preciso ter faro, mas para isso é necessário estudar, estudar e estudar!

ALUNA - Dor nos dentes!

PROFESSOR - E há casos precisos onde as palavras de uma língua são diferentes das outras! Mas não podemos basear nosso saber nisso, porque esses casos são, por assim dizer, excepcionais.

ALUNA - Ah, sim? Oh, professor, eu tenho dor de dentes!

PROFESSOR - Não me interrompa! Não me deixe nervoso, ou não respondo por mim! Eu falava de... Ah, sim, os caso excepcionais, ditos de fáceis distinções, ou de distinção cômoda, se você assim prefere. Repito- se você prefere, porque constato que você não me escuta mais!

ALUNA - Dor de dentes!

PROFESSOR - Como eu dizia, em certas expressões, de uso corrente, certas palavras diferem totalmente de uma língua para outra, se bem que a língua empregada é, nesse caso, sensivelmente mais fácil de identificar. Eu lhe dou um exemplo- a expressão neo-espanhola, célebre em Madrid, “minha pátria é”...

ALUNA - A Neo-Espanha.

PROFESSOR - Não! Minha pátria é a Itália. Diga-me então, por simples dedução, como você diria “Itália” em Francês?

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR - É realmente bem simples- para a palavra Itália, em francês nós temos a palavra França, que é a sua tradução exata. “Minha pátria é a França”. E “França” em oriental - Oriente! “Minha pátria é o oriente”. E Oriente em português- Portugal! A expressão oriental “minha pátria é o Oriente” traduz-se então dessa maneira em português - “minha pátria é Portugal”, e assim por diante!

ALUNA - Está bem, está bem! Eu tenho dor...

PROFESSOR - ... Nos dentes! Dentes! Dentes! Eu vou arrancá-los! Ainda um outro exemplo- a palavra “capital” assume, segundo a língua em que a falamos, um sentido diferente. Quer dizer que, se um espanhol diz “eu moro na capital”, a palavra “capital” não quer dizer a mesma coisa do que quando um português diz - “eu moro na capital”. Da mesma forma um francês, um neo-espanhol, um romeno, um latino. Ao ouvir dizer... Senhorita... Senhorita, estou falando contigo! À merda, então! Ao ouvir a expressão “eu moro na capital”, você saberá imediatamente e facilmente se quem a disse foi um espanhol, um neo-espanhol, um francês, um oriental, um romeno, um latino, bastando adivinhar a capital em que ele está pensando enquanto pronuncia a frase, no momento em que a pronuncia! Mas estes são quase os únicos exemplos precisos que eu posso lhe dar...

ALUNA - Meus dentes...

PROFESSOR - Silêncio, senão lhe parto a cabeça!

ALUNA - Experimente, seu cabeçudo!

(O professor torce-lhe o pulso).

ALUNA - Ai!

PROFESSOR - Fique quieta! Nem mais uma palavra!

ALUNA (*choramingando*)- Dor de dentes!

PROFESSOR - A coisa mais... Como direi... Mais paradoxal, sim, é esse o termo, a coisa mais paradoxal é que uma porção de pessoas que não têm instrução falam essas diferentes línguas! Você ouviu? O quê foi que eu disse?

ALUNA - ... Falam essas diferentes línguas! O que foi que eu disse!

PROFESSOR - Você teve sorte! As pessoas do povo falam o espanhol repleto de palavras neo-espanholas, acreditando falar o latim, ou ainda falam o latim recheado de palavras orientais, acreditando falar o romeno... Você compreendeu?

ALUNA - Sim, sim, sim! O que é que isso tem de mais?

PROFESSOR - Nada de insolência, pequena, ou cuide-se... (*furioso*) O cúmulo, senhorita, é que alguns dizem, por exemplo, em latim, que eles supõem ser espanhol - “eu sofro dos meus dois fígados ao mesmo tempo”, dirigindo-se a um francês, que não entende uma palavra de espanhol. No entanto, este compreende perfeitamente, como se tratasse de sua própria língua. Ele acredita, aliás, que é a sua própria língua. E o francês responde, em francês “eu também, senhor, sofro dos meus dois fígados” e faz-se compreender perfeitamente pelo espanhol, que tem a certeza que em genuíno espanhol que lhe responderam, e que falam espanhol, quando na realidade não se trata nem de espanhol nem de francês, mas latim e neo-espanhol! Permaneça tranqüila, senhorita, não mexa suas pernas nem bata os pés!

ALUNA - Tenho dor de dentes.

PROFESSOR - Como é possível que, falando sem saber que língua falam, ou mesmo acreditando falar alguma outra, as pessoas do povo se entendem entre si?

ALUNA - É o que eu lhe pergunto!

PROFESSOR - É simplesmente uma das curiosidades inexplicáveis do empirismo grosseiro do povo, não confunda com experiência um paradoxo, um nonsense, uma das aberrações da natureza humana, é o instinto, simplesmente, para resumir em uma palavra. Mas o que você está fazendo?

ALUNA - Hahaha!

PROFESSOR - Em vez de ficar olhando as moscas, você deveria prestar atenção, afinal não serei eu que estarei me apresentando para o Doutorado Parcial. Já fiz isso há muito tempo, já terminei meu Doutorado Total, e até mesmo o Doutorado Supra-Total. Você não entende que eu quero o seu bem?

ALUNA - Dor nos dentes!

PROFESSOR - Mal-educada! Isso não ficará assim, assim, assim...

ALUNA - Eu... Estou lhe ouvindo!

PROFESSOR - Ah! Para apreender a diferenciar essas diferentes línguas, eu lhe disse que não há nada melhor do que a prática. Vamos por ordem. Tentarei ensiná-la todas as traduções da palavra “punhal”.

ALUNA - Como queira.

PROFESSOR (*chama a criada*) Maria! Maria! Ela não vem! Maria! (*ele abre a porta, à direita*) Maria!

(*Ele sai. A aluna permanece sozinha alguns instantes, fitando o vazio, o ar embrutecido*)

PROFESSOR (*voz esganiçada, do lado de fora*) Maria, que está fazendo? Por que você não veio? Quando eu digo pra vir, é para vir! (*ele entra, seguido de Maria*) Sou eu que mando, entendeu? (*Ele mostra a aluna*) Ela não entende nada Maria, nada!

CRIADA - Não fique assim, professor. Isso vai longe, isso ainda vai longe!

PROFESSOR - Sei quando parar.

CRIADA - Sempre diz isso, quero só ver!

ALUNA - Tenho dor de dentes.

CRIADA - Veja, começou, é o sintoma!

PROFESSOR - Que sintoma, explique-se, o que quer dizer?

ALUNA (*com voz amolecida*) Sim, o que quer dizer? Tenho dor de dentes!

CRIADA - O sintoma final, o grande sintoma!

PROFESSOR - Asneiras! Asneiras! (*a criada tenta sair*) Espere! Eu lhe chamei para que procure os punhais espanhol, neo-espanhol, português, francês, oriental, romeno, sardanápalo, latino e espanhol.

CRIADA (*severa*)- Não conte comigo!

PROFESSOR (*Gesto, pretende protestar, detêm-se, retira-se, um pouco desamparado. De repente, ele se recorda*) Ah! (*Vai rapidamente até a gaveta e retira um grande punha invisível ou real, dependendo da opção do diretor. Empunha-o com alegria*) Eis um, senhorita, eis um punhal! É pena que não haja outro, mas tentaremos servir-nos

desse para todas as línguas! Basta que você pronuncie a palavra “punhal” em todas as línguas, olhando bem de perto o objeto e imaginando que ele é da língua que fala.

ALUNA - Tenho dor de dentes!

PROFESSOR (*quase cantando, em melopéia*) - Então, diga “pu” como “pu”, “nhal” como “nhal” e olhe, fixe bem.

ALUNA - É de que língua? Francês, italiano, espanhol?

PROFESSOR - Não importa! Diga “pu”.

ALUNA - Pu.

PROFESSOR - Nhal. Veja.

(*Ele agita o punhal sobre os olhos da menina*)

ALUNA - Nhal.

PROFESSOR - Mais, veja.

ALUNA - Não, chega, já é demais! E depois eu tenho dor de dentes, dor nos pés, na cabeça...

PROFESSOR - Punhal, veja, punhal!

ALUNA - Assim você me faz ficar com dor de ouvido! Que voz estridente!

PROFESSOR - Diga, punhal, punhal!

ALUNA - Não, tenho dor nas orelhas, tenho dor em toda parte...

PROFESSOR - Eu vou arrancar-lhe essas orelhas, assim elas não irão doer...

ALUNA - Ah, é o senhor quem me faz mal!

PROFESSOR - Veja, depressa, repita: pu...

ALUNA - Se o senhor quer! Pu... nhal. (*lúcida e irônica por um instante*) É do neo-espanhol?

PROFESSOR - Como queira, sim, é neo-espanhol, mas se apresse, não temos tempo a perder. E além do mais, por que essa pergunta inútil? Que liberdade é essa?

ALUNA (*cada vez mais fatigada, chorosa, desesperada, e ao mesmo tempo extasiada*) Ah!

PROFESSOR - Repita, veja! (*ele imita o relógio cuco*) Punhal... Punhal... Punhal.

ALUNA - Ai, tenho dor de... Cabeça *(ela passa levemente as mãos sobre as partes do corpo que vai nomeando)* ... Meus olhos...

PROFESSOR *(como o “cuco”)* Punhal... Punhal...

(Ambos estão em pé; ele, sempre brandindo o punhal, quase fora de si, gira em torno dela, numa espécie de dança, mas sem nenhum movimento brusco, com os passos da dança do professor sendo apenas delineados. A aluna, também em pé, recua em direção à janela com um andar doentio, lânguido, enfeitiçado.)

PROFESSOR - Repita- punhal, punhal, punhal!

ALUNA - Tenho dor na garganta, nos ombros, nos seios... Punhal!

PROFESSOR - Punhal, punhal, punhal!

ALUNA - Meus quadris... Punhal... Minhas coxas... Pu...

PROFESSOR - Pronuncie direito- punhal, punhal!

ALUNA - Punhal... Minha garganta

PROFESSOR - Punhal, punhal!

ALUNA - Punhal, meus ombros, meus seios, meus quadris! Punhal, punhal!

PROFESSOR - Isso! Você pronunciou corretamente agora.

ALUNA - Punhal! Meus seios, meu ventre...

PROFESSOR *(alterando o tom de voz)* Atenção... Cuidado... O punhal mata!

ALUNA *(com voz débil)* Sim, sim. O punhal mata?

PROFESSOR *(mata a aluna com um espetacular golpe de punhal)* Ah! Pronto!

(Ela grita também- “ah” depois se apóia sobre uma cadeira que, como por sorte, encontra-se próximo à janela. Ambos gritam ao mesmo tempo, o assassino e a vítima. Após o primeiro golpe, a menina tenta apoiar-se, sentando na cadeira. O professor mantém-se em pé, em frente à menina, de costas para o público, e apunhala mais uma vez a menina, tendo um sobressalto logo em seguida.)

PROFESSOR *(ofegante)* - Vadia! Foi bem feito... Estou cansado, mal consigo respirar!

(Ele respira com dificuldades. Senta-se em outra cadeira, pronunciando palavras incompreensíveis. Sua respiração se normaliza. Ele se levanta, vê o punhal em sua mão, vê a menina e se assusta)

PROFESSOR *(tomado de pânico)* O que foi que eu fiz! O que me acontecerá agora! Ah, maldição! Senhorita, senhorita, levante-se! Veja, senhorita, a lição terminou. Podes

partir, podes pagar a lição depois... Ah! Ela está morta! Mor... Ta! E pelo meu punhal! Isso é horrível! *(chama a criada)* Maria! Maria! Minha querida Maria, venha logo! *(a porta à direita se abre, Maria aparece)* Não... Não venha, eu não preciso de você, Maria, não preciso, entendeu?

(Maria se aproxima, sem dizer uma palavra, e vê o cadáver)

PROFESSOR *(com uma voz menos segura)* - Eu não preciso de você!

CRIADA *(sarcástica)* Então o senhor está contente com sua aluna, ela aproveitou bem a lição?

PROFESSOR *(esconde o punhal atrás das costas)* Sim, a lição terminou... Mas... Ela... Ela ainda está aí... Ela não que ir embora!

CRIADA *(duramente)* É verdade!

PROFESSOR *(tremendo)* Não fui eu, não fui eu Maria, não fui eu, eu lhe asseguro, Mariazinha...

CRIADA - Foi quem, então? Quem? Eu?

PROFESSOR - Eu não sei... Talvez...

CRIADA - Ou o gato?

PROFESSOR - É possível! Eu não sei!

CRIADA - É a quadragésima vez hoje! E todos os dias é a mesma coisa! Todos os dias! O senhor não tem vergonha, com a sua idade! Vai acabar ficando doente e sem alunos, e será bem feito!

PROFESSOR *(irritado)* - Não é minha culpa, ela não queria aprender, era desobediente, era uma péssima aluna! Ela não queria aprender!

CRIADA - Mentiroso!

PROFESSOR *(aproxima-se sorrateiramente da criada, com o punhal atrás das costas)* Isso não é da sua conta! *(Ele tenta dar-lhe uma punhalada. A criada torce o punho do professor, que deixa cair sua arma no chão)* Perdão!

CRIADA - Assassinozinho! Ralé! Seu nojento! Você queria me matar! Eu não sou uma de suas alunas! *(Ela o pega pelo paletó. Ele tem medo de ser esbofeteado, e se protege como uma criança)* Coloque o punhal no seu lugar *(ele vai guardar o punhal)* Eu lhe avisei, a aritmética leva à filologia e a filologia leva ao crime!

PROFESSOR - Você disse “ao pior”.

CRIADA - Dá na mesma.

PROFESSOR - Eu entendi mal. Eu acreditava que “pior” era uma cidade e que você queria dizer que a filologia leva a cidade de “Pior”.

CRIADA - Mentiroso, sua raposa velha! Um sábio como o senhor não confunde o sentido das palavras, faça-me o favor!

PROFESSOR - Eu não queria matá-la!

CRIADA - Ao menos o senhor se arrepende?

PROFESSOR (*soluçando*) - Oh, sim Maria, eu te juro!

CRIADA - Você me dá pena! Vamos arranjar isso. Mas não recomecem, isso vai te dar um problema no coração!

PROFESSOR - Sim, Maria! Mas o que faremos agora?

CRIADA - Vamos enterrá-la, assim como os outros 39. Faremos quarenta covas. Vamos encomendar as pompas fúnebres e as coroas de flores. Vamos chamar o querido padre Auguste.

PROFESSOR - Sim, Maria, muito bem!

CRIADA - De fato. Se bem que nem era necessário chamar o padre Auguste, pois você é um pouco padre nessas horas, se dermos crédito aos rumores públicos!

PROFESSOR - Mas não compre coroas muito caras, ela não pagou a lição!

CRIADA - Não se preocupe. Mas ao menos cubra a menina, ela está indecente. E depois vamos levá-la.

PROFESSOR - Sim, Maria (*ele cobre a menina*) Corremos o risco de sermos pegos com cinquenta covas! Imagine! As pessoas ficariam espantadas! E se nos perguntassem o que há dentro dessas covas?

CRIADA - Não se preocupe tanto! Diremos que elas estão vazias. Além do mais, as pessoas não perguntariam nada. Elas estão acostumadas. (*ela pega uma braçadeira com um símbolo, talvez a Suástica Nazista*) Pegue, se tiveres medo, ponha isso, você não terá nada a temer (*ela lhe coloca a braçadeira*) É a Política!

PROFESSOR - Obrigado, Mariazinha querida! Com isso, eu estou tranquilo. Você é tão boa, Maria, tão dedicada...

CRIADA - Ta, ta. Vamos, professor.

PROFESSOR - Sim, Maria (*o professor e a criada pegam o corpo da menina, e dirigem-se até a porta da direita*) Atenção! Não a faça nenhum mal!

(*Eles saem. Cena vazia, durante alguns instantes. Ouve-se soar a campainha*)

VOZ DA CRIADA - Já vai!

(Ela aparece, como no início da peça, e vai em direção á porta. Segundo toque da campainha)

CRIADA *(à parte)* Essa está com pressa! *(alto)* Calma! *(Vai até a porta da esquerda e a abre)* Bom dia, senhorita. Veio para a lição? O professor lhe aguarda. Vou anunciar sua chegada. Ele já desce. Entre, senhorita, Entre!

FIM

www.desvendandoteatro.com